

# Carnaval do tempo antigo

por MÁRIO SETTE

Para a intensa actividade intelectual brasileira, um dos temas de mais apaixonado interesse é o nascimento e desenvolvimento das variadas e típicas civilizações que, com traços de diferenças acentuadas, pejam todo o fecundo solo das terras do Brasil. É uma actividade verdadeiramente extraordinária a que se nota no campo da investigação histórica, para o estudo dessas complexas sociedades que o homem e o meio formaram, numerosas e diferenciadas.

Na região do Recife nasceu também um ambiente social com o seu carácter muito específico e que tem prendido as atenções da moderna historiografia. O nosso colaborador brasileiro Mário Sette envia-nos um capítulo do seu *Maxambombas e Maracatús*, cuja segunda edição se prepara, e que recolhe crónicas de aspecto social sobre o Recife de há 30 anos. Neste capítulo o leitor poderá apreciar características interessantes do meio que foi o Recife, reveladas através duma evocação literária, bela e sóbria.

O morcego bateu azas  
Mas não pôde avoá...  
Quem não tem prazer na vida  
Não diverte o Carnavá...

Ouvia-se a cantoria ainda longe e todos corriam para as janelas.

— São os morcêgos!

— Venham vê depressa!

— Já dobrou o bôco dos Ferreiros. Corra d. Nenem! Corra Chica!

Era um reboliço medonho dentro de casa, naquela manhã de domingo. Passava o primeiro bando de mascarados. A orquestra afinada, o côro muito certo, as vestimentas bonitas. Todos fantasiados de morcêgos:— uns trajos pretos com lentejoilas prateadas. Dansavam, abriam as azas, davam carreirinhas pelas calçadas.

A meninada não se continha de alegria. Chegára afinal o Carnaval! Ninguém de casa deixava de vir ver os mascarados. Até a vóvó, sempre resmungando contra êsses «três dias de juízo», largava disfarçadamente os filhós que fritava numa caçarola, e vinha dar também sua olhadela à troça que passava num estardalhaço danado.

O Carnaval de dantes, no Recife, era rico de mascarados. Bandos e mais bandos pelas ruas, desde manhã até o escurecer. Depois dos morcêgos, os pierrôs de babadinhos, os diabinhos dando com os rabos nos moleques, os professores, de palmatória na mão, os príncipes de cabeleiras brancas, os domínos de veludo, as mortes com «cara de caveira», os bobos de fraque com botões de bolachas... Tantos, tantos!

Andavam em grupos, cantando:

Ai amor  
Amor do coração.  
Viva Santo Amaro,  
Beberibe,  
Jaboatão!

Casianholas, guisos, récos-récos e gaitinhas.

— Você me conhece?

— É Zéca de Tia Nana.

— Que nada, mãme! Zéca é mais alto, mais cheio de corpo...

— Então, é Alfredinho de «seu» Zumba.

O mascarado sem se dar por descoberto, continuava a fazer voltas, a pinotar, a gritar fanhosamente:

— Você me conhece? Você me conhece?

— Sei não quem é êsse diacho, sei não.

Os meninos da casa gostavam de vê-lo, mas tinham seus receios. Agarravam-se à mãe ou às amas. Alguns faziam cara de chôro. E afinal, numa carreira, o mascarado ia-se embora.

À tarde as ruas ficavam cheinhas de clubes. O das Pás, o Vassourinhas, o Vasculhadores, o Cana Verde, o Caiadores, o das Beatas, o Lenhadores... Tantos e tantos! Para mais de cem. De quando em quando, ouvia-se uma orquestra, tocando uma marcha, via-se o estandarte aparecer na esquina, o povo engrossar e passava um com o seu cordão vestido de veludo ou sêda. Quando não era um clube, era um maracatú.

O batuque vinha de longe. Um batuque que não enganava ninguém. Todos o conheciam:

— Lá vem o maracatú! Eu sou doida por êle!

Havia quem gostasse muito dêles. Havia os que não o suportassem.

— Uma vergonha! Costumes da Costa d'África.

O grande chapéu de sol dansava por cima das cabeças. O cortejo real era vistoso. As mulheres de cabeções de renda, iurbante de penas, cordões dourados nos pescoços. Os homens com trajos de veludo, calções de príncipes, cabeleiras cacheadas. Debaixo do chapéu de sol vinham o rei e a rainha. Atrás de tudo vinham os tocadores de zabumbas. Com o acompanhamento do batuque todos cantavam:

Bravos, Yóyó,  
Maracatú já chegou...  
Bravos, Yáyá,  
Maracatú qué passá...

E passava mesmo. Vagarosamente. Monotonamente. Mesmo assim, êle andava a cidade inteira. De madrugada ainda se lhe ouvia o batuque distante, recolhendo-se à séde.

Nas ruas e nas casas o brinquedo estava animado.

— Meninas, aí vem «seu» Janjão com o povo dêle!

Preparem-se.

Cada um que tomasse posições, abrindo os saquinhos de papel picado, destampando as bisnagas de «água de cheiro». O adversário fazia o mesmo. E haja o combate. Um procurava molhar bem o outro; depois atiravam o papel colorido, picadinho, que se agarrava ao rosto, às mãos, aos cabelos, à roupa. Ficavam, no fim, todos, parecendo uns mascarados também. A água das bisnagas enso-pava até o chão.

— Meninas, vocês se molhando dêsse jeito acabam doentes!

— Ora, mamãe, isso é próprio do Carnaval!

— Vóvó conta que no tempo dela ainda era pior. — Não era Vóvó?

— Nem se compara! Vocês nem avaliam. Olhem, uma vez, tio Zumba foi lá em casa, num dia de Entrudo. Meus manos agarraram êle, com roupa e tudo, e mergulharam num barril cheio d'água que havia no jardim... Depois, tome goma, em cima. Aquilo é que se chamava brincar! Gamelas, quartinhas, caçarolas, tudo servia para despejar água. Até o carvão da cozinha saía em cena... Hoje, o brinquedo é uma delicadeza.

Depressa os três dias de Carnaval se acabavam.

Na terça-feira de tarde já os sinos tocavam «Cinzas» e os mascarados cantavam:

Faz chorar,  
Faz chorar,  
O saudoso Carnaval.  
Amanhã é quarta-feira  
Acabou-se o Carnaval.